

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**

**458**

**O MUNDO XAMÂNICO DOS APURINÃ: UM DESAFIO DE  
INTERPRETAÇÕES**

**Francisco Apurinã  
Universidade de Brasília**

**Brasília, 2017**

**Universidade de Brasília  
Departamento de Antropologia  
Brasília  
2017**

**Série Antropologia** é editada pelo Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, desde 1972. Visa à divulgação de textos de trabalho, artigos, ensaios e notas de pesquisas no campo da Antropologia Social. Divulgados na qualidade de textos de trabalho, a série incentiva e autoriza a sua republicação.

1. Antropologia 2. Série I. Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília

Solicita-se permuta.

**Série Antropologia Vol. 458**, Brasília: DAN/UnB, 2017.



*Universidade de Brasília*

**Reitora:** Márcia Abrahão Moura

**Diretor do Instituto de Ciências Sociais:** Luís Roberto Cardoso de Oliveira

**Chefe do Departamento de Antropologia:** Daniel Schroeter Simião

**Coordenadora da Pós-Graduação em Antropologia:** Andréa de Souza Lobo

**Coordenador da Graduação em Antropologia:** Guilherme José da Silva e Sá

**Conselho Editorial:**

Daniel Schroeter Simião

Andréa de Souza Lobo

Guilherme José da Silva e Sá

**Comissão Editorial:**

João Miguel Sautchuk

José Antonio Vieira Pimenta

Juliana Braz Dias

**Editoração Impressa e Eletrônica:**

Laise Tallmann

## EDITORIAL

A Série Antropologia foi criada em 1972 pela área de Antropologia do então Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, passando, em 1986, a responsabilidade ao recente Departamento de Antropologia. A publicação de ensaios teóricos, artigos e notas de pesquisa na Série Antropologia tem se mantido crescente. A partir dos anos noventa, são cerca de vinte os números publicados anualmente.

A divulgação e a permuta junto a Bibliotecas Universitárias nacionais e estrangeiras e a pesquisadores garantem uma ampla circulação nacional e internacional. A Série Antropologia é enviada regularmente a mais de 50 Bibliotecas Universitárias brasileiras e a mais de 40 Bibliotecas Universitárias em distintos países como Estados Unidos, Argentina, México, Colômbia, Reino Unido, Canadá, Japão, Suécia, Chile, Alemanha, Espanha, Venezuela, Portugal, França, Costa Rica, Cabo Verde e Guiné-Bissau.

A principal característica da Série Antropologia é a capacidade de divulgar com extrema agilidade a produção de pesquisa dos professores do departamento, incluindo ainda a produção de discentes, às quais cada vez mais se agrega a produção de professores visitantes nacionais e estrangeiros. A Série permite e incentiva a republicação dos seus artigos.

Em 2003, visando maior agilidade no seu acesso, face à procura crescente, o Departamento disponibiliza os números da Série em formato eletrônico no site [www.unb.br/ics/dan](http://www.unb.br/ics/dan).

Ao finalizar o ano de 2006, o Departamento decide pela formalização de seu Conselho Editorial, de uma Editoria Assistente e da Editoração eletrônica e impressa, objetivando garantir não somente a continuidade da qualidade da Série Antropologia como uma maior abertura para a inclusão da produção de pesquisadores de outras instituições nacionais e internacionais, e a ampliação e dinamização da permuta entre a Série e outros periódicos e bibliotecas.

Cada número da Série é dedicado a um só artigo ou ensaio.

Pelo Conselho Editorial:

Daniel Schroeter Simião

**Resumo:**

As reflexões aqui alinhavadas propõe uma discussão acerca da ontologia dos xamãs e do xamanismo Apurinã face suas diversas interpretações. Uma dessas interpretações resulta de breves análises acadêmicas no campo da antropologia; a outra advém de vivência nativa mediada pelo treinamento antropológico. Nesse sentido, visando melhor entendimento, é necessário conduzir o leitor por uma viagem ao mundo dos xamãs (kusanaty), onde será descrito o processo de iniciação e de aquisição de poderes usados tanto para curar quanto para causar doenças, as transformações necessárias para habitar outras terras, os conflitos por meio de vingança, dietas e os objetos usados durante os procedimentos de cura, com vista garantir a segurança de suas aldeias.

**Palavras-chave:** Tsurá, apurinã, kusanaty, xamanismo, animais e conhecimento.

**Abstract:**

I discuss the ontology of Apurinã shamans and shamanism against certain extant interpretations. One of these comes from brief anthropological analyses; the other derives from my native living experience mediated by anthropological training. To better expose my arguments, I lead the reader through a voyage to the world of the shamans (kusanaty). I describe the initiation process and the acquisition of powers used both to cure and to cause diseases, the required transformations to dwell in other lands, the conflicts resulting from vengeance, diets, and the objects used in healing, all aimed at guaranteeing the safety of their villages.

**Key words:** Tsurá, Apurinã, shamanism, animals and knowledge.

## O mundo xamânico dos Apurinã: Um desafio de interpretações

Francisco Apurinã<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília

*Eu sou pajé porque meu pai deixou para mim esse dom, o cientista estuda tanto esse mundo, os pajés também estudam. Estudamos o espírito que fala com nós através da natureza, com isso eu aprendo a cuidar das coisas boas que a natureza me dá, meu espírito vê tudo que existe nela, eu e ela conversamos sempre, ela me dá sabedoria para cuidar e prevenir meu povo. Eu também vejo os espíritos das cobras e de outros animais, meu espírito conversa com os animais, quando um bicho quer fazer alguma coisa ruim com alguém, principalmente com as crianças que são as mais fraquinhas, eu sopro o paricá (rapé) neles para ficarem sem forças e não fazerem nada de mal as pessoas. Quando as pessoas adoecem na minha aldeia eu sei quem botou a doença e também sei curar, não dependo de remédio dos brancos. Eu faço o ritual de cura e o doente não morre (pajé Daniel Yanomami, Aldeia Maturacá, município São Gabriel da Cachoeira, julho de 2011).*

Este texto propõe uma discussão em torno das diversas interpretações sobre a existência e o poder dos xamãs e do xamanismo entre o povo Apurinã. Uma dessas interpretações resulta de breves análises acadêmicas no campo da antropologia; a outra advém de vivência nativa mediada pelo treinamento antropológico. Para tanto, é necessário conduzir o leitor por uma viagem ao mundo mágico dos xamãs – *kusanaty*<sup>2</sup>– apurinã. Pretendo descrever seu processo de iniciação e de aquisição de poderes, as transformações necessárias para habitar outras terras, enfrentar conflitos e vingança, bem como as práticas de autoatenção por eles realizadas para promover a saúde e tratar

---

<sup>1</sup> Fui registrado no cartório do município de Boca do Acre-AM com o nome de Francisco de Moura Cândido, mas meu nome tradicional é *Ywmuniry*, que significa “vento forte”, resido na Terra Indígena Camicuã, Aldeia de mesmo nome. Sou doutorando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Brasília.

<sup>2</sup> Tradicionalmente os Apurinã denominam o pajé de *Kusanaty* ou *Mjyty*, porém neste documento usarei o primeiro nome ou pajé quando me reportar ele.

as doenças, tais como as dietas e os objetos usados durante os procedimentos de cura. Destaco inicialmente que a dedicação do xamã para se tornar de fato um *kusanaty* com poderes ilimitados, tanto para praticar o bem quanto o mal, faz dele a pessoa mais importante e mística das aldeias apurinã.

Existem dois tipos de *kusanaty*: um trabalha somente com a “medicina tradicional”, cuja ervas medicinais encontradas na floresta são utilizadas para banhos, chás e rezas durante rituais de cura; o outro, do qual falarei aqui, opera com poderes xamânicos materializados em pedras introduzidas em seu corpo. São estes os verdadeiros diplomatas do cosmos, aqueles que detêm os conhecimentos tanto para curar, como para causar doenças e até mesmo para matar. São eles que possuem códigos para se comunicar com o mundo dos espíritos da floresta, habitantes de outras terras, e ainda são responsáveis por acontecimentos inusitados que transcendem aquilo que nossos olhos leigos podem ver. Isso ocorre de modo que somente outros pajés com saberes análogos conseguem compreender, como bem ressaltou Katãwry<sup>3</sup> Apurinã:

Meu bisavô Maruky, sentava no terreiro da aldeia à noite e chamava seus netos para mostrar e falar da importância das estrelas para o mundo e também para os Apurinã, ele pedia que nós focássemos nosso olhar numa estrela que estava mais distante das outras no céu, ali todos seguiam suas orientações observando bem a estrela indicada, e por meio do *katukano*,<sup>4</sup> meu bisavô puxava a estrela e botava em sua mão, o brilho dela era tão ofuscante que não conseguíamos olhar fixamente para ela. Minutos depois, ele soprava devolvendo-a para o seu lugar novamente (Katãwry, depoimento em novembro de 2014)<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Katãwry Apurinã é meu pai; ele é responsável por grande parte das informações contidas neste documento. Além disso, goza do respeito de nosso povo por ser um dos detentores do conhecimento ancestral, o qual ele faz questão de transmitir. Durante muitos anos, exerceu a função de tuxaua nas aldeias em que morou.

<sup>4</sup> *Katukano* ou *mixykano* é um objeto feito, sobretudo, do osso da asa ou da canela do *kukui* (gavião real), mas também pode ser de outras aves, como o *kābukyry* (jacu), *ytsamānery* (jaburu) e também do braço do *tykuty* (macaco prego). É usado para tomar ou passar *awiry* (rapé). Em épocas anteriores era somente usado pelos *kusanaty*, principalmente, para extrair as pedras que causam enfermidades nas pessoas. Durante o ritual de cura, além de mostrar o tipo de doença, eles expõem quem a havia causado. Em seguida, a pedra é introduzida em seu próprio corpo para adquirir mais poder, ou é jogada no *kusanaty* que casou a doença.

<sup>5</sup> Narrativas sobre o “Surgimento e Cosmologia do Povo Apurinã” obtidas através do diálogo com Katãwry Apurinã (pai de Francisco Apurinã), Rio Branco/AC, 2014.

Para compreendermos melhor o universo em que atuam os *kusanaty* se faz necessário mergulhar nas vertentes sociocósmicas do povo Apurinã e considerar tanto o processo de construção do corpo e da pessoa do *kusanaty* quanto a sua cosmogonia, que narra o começo do mundo e a criação de tudo o que nele existe. Nesta viagem, será conhecida a história de Tsura (o criador), narrativa que comumente é contada pelos mais velhos, e que ainda hoje é relatada com bastante entusiasmo.

O *kusanaty* é sem dúvida a pessoa mais importante para o bem estar coletivo, pois é detentor de conhecimentos fundamentais que permitem que cure os doentes, adivinhe coisas que ainda não aconteceram e exerça proteção sobre as pessoas de sua e de outras aldeias contra os ataques de outros *kusanaty*. Isto ocorre tanto no plano material como no imaterial, ou seja, os *kusanaty* atuam tanto acordados como em sonhos, em forma de gente ou de animal<sup>6</sup> e ainda protegem seu grupo contra as investidas dos “bichos” da mata (vide abaixo). O universo místico que envolve os *kunasaty* é amplo e pessoal. Contam os *kywmanety* (os anciãos, sábios “troncos velhos”) que os pajés são detentores de poderes capazes de cegar, mutilar ou até matar pessoas apenas com seu olhar.

De um tempo para cá, a forte pressão colonizadora atrelada aos inúmeros impactos sociais, ambientais e culturais tem causado sérias mudanças no modo de vida do povo Apurinã, implicando inclusive no enfraquecimento das práticas xamânicas. Essa realidade é constantemente abordada nas aldeias e mostrada em documentos, sobretudo acadêmicos que, dentre outras afirmações, relatam a inexistência ou o desaparecimento dos *kusanaty*. São afirmações como essa que este texto pretende desafiar.

De acordo com Schiel (2004), é comum ouvir nas comunidades apurinã que já não há “fortes” *kusanaty*, como afirmam os mais idosos ter havido no passado, por se tratar de um processo de iniciação muito duro, longo e de muitas restrições. Diante de tais limitações, poucos querem ser pajés e muitos dos que curam atualmente não passaram pelo processo completo de iniciação. Veremos que a questão é mais complexa

---

<sup>6</sup> Como afirmam as narrativas indígenas e muitos etnógrafos confirmam em suas pesquisas de campo, os animais falavam antigamente. Contudo, devo dizer que muitos deles continuam falando, isto, se posso chamá-los de animais, uma vez que eles e os *kusanaty* vivem em regime de metamorfose, uma hora se apresentando como gente, outra hora como animal. Mesmo depois de sua fase vital enquanto gente, eles continuam vivendo no corpo de animal, porém com os mesmos poderes de antes e exercendo a mesma relação com sua aldeia. E, quando me refiro aos bichos da mata, a intenção é dizer que muitos animais que um dia foram gente conseguem atingir as pessoas com graves doenças; suas vítimas geralmente são as crianças, por serem as mais vulneráveis, isso quando não conseguem afetar os adultos.



do que esta conclusão deixa transparecer. Para melhor compreendermos essa problemática, é necessário ampliar o conhecimento sobre os Apurinã em vários de seus aspectos socioculturais. Começemos pela sua origem como povo e como sociedade organizada.

### **Origem: saída da Terra Sagrada**

O povo Apurinã, que também se reconhece como *pupÿkare*<sup>7</sup>, fala uma língua do tronco linguístico Aruak. A língua mais próxima seria a do povo Manchineri, o qual habita terras brasileiras às margens do rio Iaco (município de Assis Brasil-AC). Entretanto, alguns Apurinã afirmam que também entendem um pouco da língua do povo Kaxarari, devido à sua saída conjunta da “terra sagrada”, segundo versa a cosmogonia Apurinã.

Quanto à organização social, um dos primeiros assuntos que os Apurinã explicam sobre seu povo é que há uma divisão de metades exogâmicas com funções sociais e políticas, que se definem, sobretudo, pelo direito de consumo ou restrição de certos tipos de alimentos, pelo direito ao casamento e ao comando da nação. Essas metades denominam-se Meetymanete e Xiwapuryry. A primeira é tradicionalmente representada pela figura de Kiãty (cobra jiboia) e a segunda por Wainhãmary (cobra sucuriju). São também conhecidas como os guerreiros e os pacificadores, respectivamente. Pertence-se sempre à metade do pai.

Os Apurinã ocupavam tradicionalmente as margens do médio Rio Purus e seus afluentes, desde o Sepatini até o Hyacu (Iaco), além dos rios Aquiri (Acre) e Ituxi. Segundo as narrativas históricas, seu lugar de origem está situado no rio Ituxi, na divisão dos estados do Amazonas e Rondônia. De acordo com Virtanen (2015), num dos mitos de origem, lá existe o *Kairiko*, a “casa de pedra” de onde os Apurinã surgiram. As constantes migrações dos Apurinã, assim como suas locações em outros lugares, ocorreram, principalmente, devido às brigas e desentendimentos dentro do próprio povo, além de casamentos ou de conflitos entre *kusanaty*.

---

<sup>7</sup> Os Apurinã enquanto povo se reconhecem como Apurinã, mas também como *pupÿkare*, este último usado também para denominar indígenas de outros povos, enquanto os não indígenas são designados como cariú.

Com relação ao lugar de origem dos Apurinã, vale a pena conhecer o que narrou Zé Cesar Kaxarari durante uma atividade de fiscalização em sua terra indígena, executada pela Coordenação Regional Alto Purus (FUNAI/RBR), a qual eu coordenei:

Perto do rio Ituxi tem um lugar chamado *muxalauê* que é tido por nós Kaxarari, especialmente pelos mais velhos, como sendo um local sagrado e de fundamental relevância ancestral, onde se constituiu a primeira aldeia do nosso povo. Ali tudo é diferente e sagrado, e nada pode ser destruído ou alterado, porque, afinal de contas, foi criado desde a época de Tsura. Quem conhece, sabe disso e também confirma ter presenciado acontecimentos muito difíceis de ser explicados. Foi lá o primeiro encontro dos Kaxarari com os Apurinã e também a briga entre Ykapatã (Satanás) e Tsura (Deus). A casa fica localizada a mais ou menos oito horas distante daqui da aldeia Pedreira, ela continua do mesmo jeito até hoje. Depois que Tsura criou o primeiro mundo e deu nome a todas as coisas que existem sobre a terra, ele passou a morar na “casa de pedra”. Naquela época já havia rivalidade entre Tsura e Ykapatã, esse último era muito duro de morrer. Nos dias que antecederam o grande conflito, ele mandava recado para Tsura dizendo que iria matá-lo quando o encontrasse. Num determinado dia, quando Ykapatã e seus seguidores foram atacar a “casa de pedra” para matar Tsura, a inambu preta, capanga [amiga] do criador, percebendo o plano do inimigo, tratou logo de avisá-lo, e em seguida disparou inúmeras flechas na direção de Ykapatã, mas não o acertava. Naquele instante, o socó [ave geralmente encontrada nas margens de rios e igarapés] se transformou em ser humano e passou a lutar a favor de Tsura, mas ninguém conseguia atingir Ykapatã, ele era muito rápido e poderoso, facilmente se desviava das flechas. Quando, finalmente, Ykapatã avistou Tsura, imediatamente usou a borduna que carregava na mão direita para acertar em cheio seu inimigo, achando, inclusive, que o havia matado. Mas Tsura revidou, utilizando seus poderes sobrenaturais, causando naquele momento uma forte tempestade, jogando Ykapatã e seus amigos contra inúmeras árvores de pupunha e tucumã (palmeiras que possuem enormes espinhos em suas hastes e folhas). Em seguida, Tsura pegou a gordura de Ykapatã, fritou e comeu para ter a certeza que tinha acabado com seu inimigo, mas ainda assim, ele tentou matar Tsura por meio de uma forte dor de barriga (diarreia).

Sabendo que ele estava lhe causando aquelas dores, Tsurá logo cuidou de defecar, expelindo toda a coisa ruim que estava dentro dele, transformando a bosta (fezes) em diamante e, finalmente, acabou de vez com Ykapatã (José Cesar, TI Kaxarari, depoimento em 18 de maio de 2013).

Uma história importante que retrata o começo do universo, contada pelos mais velhos para explicar melhor a existência hoje do povo Apurinã, é a da “terra sagrada” e dos *Otsãmanery*<sup>8</sup> (Jaburu). No mundo passado que acabou em água, os Apurinã eram imortais e moravam em uma terra onde nada adoecia, estragava ou morria. Vinham com os *Otsãmanery*, migrando dessa terra para outra também de imortalidade e no caminho que percorriam tinham a companhia dos outros povos que seguiam à sua frente, guiados por uma ave denominada *puturucu* (chefe do uru), que ia abrindo o caminho.

Durante o percurso, os Apurinã, seguindo o exemplo do povo Kaxarari, se encantaram em demasia com as coisas da terra em que vivemos hoje, e sempre que encontravam um pé de fruta, paravam para coletar e comer. Com isso, ficaram para trás, se separando dos outros povos, resultando em sua permanência aqui. Argumentei alhures (Cândido 2012) que essa dispersão se reflete no fato de que o povo Apurinã, atualmente, está espalhado em diferentes aldeias e cidades.

Esses relatos indicam que atrás de outros povos viriam os Kaxarari, Apurinã e *Otsãmanery*, de modo que estes últimos exerciam nessa jornada o papel de pajés, responsáveis pela condução dos demais durante o trajeto. Eles vinham tentando incentivar os Kaxarari – que teriam se encantado primeiro com as coisas desta terra – e, em seguida, os Apurinã, a continuar caminhando rumo à terra que Tsurá destinara a todos. Os *Otsãmanery* conscientemente teriam seguido viagem após muita insistência, sem sucesso, em levar consigo esses dois povos juntos.

---

<sup>8</sup> *Otsãmanery* era um povo constituído por pajés responsável por conduzir os povos indígenas durante o trajeto de uma terra para outra. Foi um dos povos que conseguiram entrar na terra sagrada e hoje é visto voando em bando na forma de jaburu. Os mais velhos contam que todos os anos eles vêm visitar-nos, nós, os Apurinã: quando voam baixo, é sinal de que ainda vamos demorar a morrer, mas quando voam alto, distante das casas e aldeias, é porque estamos perto de morrer e já cheirando mal.

## Tsura, o criador

Tsura, a quem nós, Apurinã, nos referimos em português como nosso deus (por analogia ao Deus cristão), pode ser descrito como um deus ou herói criador, um demiurgo, que foi o responsável pela criação do mundo e de tudo que nele existe, incluindo os indígenas e não indígenas. A longa história de Tsura, narrada em mais de uma versão por nós, que nos descreve o começo do mundo, o início de tudo, sempre traz como ponto inicial a destruição do primeiro mundo para, posteriormente, falar de uma nova terra. Todavia, para uma melhor configuração da epopeia de Tsura, trarei aqui a narrativa que versa sobre as três irmãs.

A história contada pelos *kiwmanety* (“troncos velhos”) fala de um primeiro mundo habitado apenas por três irmãs: Kataty, Mũnhate e Yakunero, que saíram sem rumo, após terem recebido uma ordem vinda de cima<sup>9</sup> para deixar aquele lugar, visto que choveria bastante até cobrir toda a terra de água. Sem paradeiro e sem saber como fazer para escapar, iniciaram uma caminhada sem direção. Para sorte delas, se depararam com a *musa* (coruja), que lhes fez importantes recomendações: “para não morrerem, vocês deverão retirar duas palhas de *kÿnhary* (buriti) e outra de *tsaperyky* (açafá), em seguida devem subir no pé de jenipapo e sempre que a água se aproximar de vocês, batam com a palha da primeira árvore, que o pé do jenipapo vai crescer e a água não vai alcançá-las. Mas, quando a chuva cessar, vocês devem bater no jenipapeiro com a palha da segunda árvore para que ele diminua até chegar ao seu tamanho normal, assim poderão descer sem problemas”.

As três irmãs seguiram corretamente as instruções da coruja. Depois de pouco mais de um mês chovendo sem parar, o *Atukaty* (sol), finalmente, apareceu e elas puderam pisar novamente na terra, mas, desta vez, numa “nova terra”, denominada posteriormente por Tsura como “segundo mundo”. Logo que as irmãs começaram a caminhar novamente, a coruja apareceu e disse o seguinte: “vão por esse caminho, depois de algumas horas de caminhada encontrarão uma velha que vai fazer de tudo para que vocês casem com os filhos dela, mas não aceitem de maneira alguma, e fujam o mais breve possível, pois se aceitarem, eles as matarão”.

---

<sup>9</sup> A voz que vinha de cima era do responsável pela criação do primeiro mundo, mas os Apurinã afirmam que nunca alguém conseguiu vê-lo, nem mesmo Tsura (o criador), somente era possível ouvir sua voz, porém, tudo que ele anunciava, de fato, acontecia.

Tudo ocorreu da maneira como a coruja previa e, finalmente, as irmãs conseguiram fugir da casa da velha. Quando voltaram a caminhar, encontraram uma bifurcação e, sem saber que caminho seguir, elas resolveram parar e em comum acordo decidirem por onde ir. Naquele instante, e de maneira inusitada, a superlativa coruja apareceu mais uma vez para ajudá-las, dizendo: “sigam o caminho da direita, este vai vos levar até a terra sagrada, local em que o céu e a terra se encostam e se afastam; fecha e abre em poucos segundos”.

No entanto, para chegar até lá, devem seguir as seguintes orientações: “depois de algumas horas de caminhada, vocês vão encontrar um *mãnê* (lago) e perto da margem estará um *perutsa* (libélula). Ele estará lavando a bunda na água: vocês não devem passar pela frente do referido inseto, e sim por trás dele”.

As irmãs Kataty e Mũhatty seguiram as orientações, mas Yakunero desobedeceu, e naquele momento, foi engravidada. Entretanto, sem saber o que havia acontecido, continuou andando e, quando finalmente chegaram ao “fim do mundo”, local em que o céu e a terra se encontram, as duas primeiras irmãs, num movimento “rápido”, conseguiram passar sem nenhum problema para o outro lado (terra sagrada), ao contrário de Yakunero que, ao tentar a proeza, foi morta e cortada ao meio pelo encontro do céu e da terra. Da cintura para cima, seu corpo se transformou em *kāmery* (arara vermelha), e a parte de baixo continuou sendo *kākyty* (gente/ser humano), ou seja, continuou sendo ela mesma. Para esclarecer, ela não conseguiu passar para o outro lado em razão de sua gravidez, consequência de sua desobediência, pois por ali só passavam pessoas sem “pecados”.

Resignada com a situação, Yakunero refez o percurso de volta e novamente foi encontrada pela velha que, sabendo do que havia acontecido, tratou de escondê-la de seus filhos, os *hākyty* (onças), mas não demorou muito para que eles a descobrissem e a matassem. Depois do feito, as onças jogaram tudo que havia dentro da barriga dela no pé de algodoeiro. Minutos depois, algo inusitado sucedeu, e as vísceras de Yakunero foram se transformando em criaturas: a placenta virou Eruta, o sangue, Yerêka, e o cordão umbilical, Yxirōky, e, por último, surgiu Tsuru, o menor e o mais feio – seu corpo era todo tomado por feridas.

Os leitores perceberão facilmente que nesta narrativa está estabelecida uma dialética fundadora. Da tese inicial (o preceito da Coruja) surge a antítese (a

desobediência de Yakunero) e daí, a síntese (o nascimento de Tsura e a criação do segundo Mundo).

Para entender melhor a criação e a nomeação de tudo que atualmente há na terra, vale ressaltar que, já no final de sua trajetória, enquanto fazia uma cobra (um brinquedo) de palha de *kÿnhary* (buriti), Tsura foi engolido por este brinquedo, que se transformou numa grande *kotory* (cobra coral). Naquela ocasião, seus irmãos reuniram todos os animais para tentar furar a barriga da cobra, façanha conseguida somente por uma pequena ave que chamamos de *paratxary* (martim-pescador). Depois de adultos, Tsura e seus irmãos souberam o que tinha ocorrido com sua mãe. Insatisfeitos, fizeram armadilhas para vingar sua morte, e assim mataram o grupo inteiro de onças.

Portanto, a origem de tudo que existe hoje se deu a partir da saída da barriga da cobra. Tsura, com todos os seus predicados, criou os indígenas e não indígenas com seus diferentes aspectos e características. Fez com eles vários testes, nos quais nós, Apurinã, sempre apresentávamos resultados inferiores frente aos demais povos indígenas e aos não indígenas. Em seguida, ele foi embora para o “céu” por meio de um cipó semelhante a uma escada, que conhecemos como *ãpytsa*. O mau resultado nos testes repercute negativamente até os dias atuais, mas isto não será tratado aqui.

Argumentei em outro lugar (Cândido 2012) que os conflitos e as vinganças, que se refletem até os dias atuais entre aldeias Apurinã, se originaram no começo do mundo. Esse fato passa a ser cíclico, na medida em que a política interna e a organização social envolvem disputas sobre quem tem o poder de comandar o povo e seus respectivos grupos. Portanto, para responder a algumas perguntas sobre a organização social, ou mesmo contextualizar os fatos políticos atuais, é necessário voltar à cosmogonia do povo Apurinã.

### **Ritual do Kyynyry**

O Kyynyry ou Xinagné é o principal ritual do povo Apurinã. Reúne moradores de várias aldeias para, juntos, festejarem a passagem do espírito de quem faleceu; é também a ocasião de refazer as alianças entre pessoas, aldeias e grupos inimigos. Os Apurinã ainda mantêm viva a tradição desse rito e, durante os dias de festas, os participantes se enfeitam com as cores da floresta, expressa em suas pinturas corporais e nos mais variados adornos e indumentárias. Os grafismos são traçados com a tinta do

urucu e jenipapo, traduzidos nas malhas da *hãkyty* (onça pintada), do *xutuiu* (jabuti) e da *kiãty* (cobra jiboia). Esta última é mais indicada para as mulheres e as demais para os homens. Entre os muitos significados, tais pinturas indicam o grupo clânico ao qual a pessoa pertence, o que ela pode ou não comer e com quem pode casar-se.

Durante o mês que antecede a festa, são formados grupos de homens para caçar e pescar; enquanto isso, as mulheres preparam *kumery* (beiju), *katarukiry* (farinha) e diversos tipos de vinhos e bebidas: de *tipary* (banana), *katarukyry* (macaxeira), *kēmi* (milho), *kawiry* (pupunha), *quityty* (patoá), *kauakury* (bacaba), *tsaperiky* (açai) e *kÿnhary* (buriti). Nos dias de festa, os alimentos são servidos em grandes *kutary* (paneiros) para os convidados de outras aldeias.

Vale destacar neste rito a importância da presença do *kusanaty*. Para melhor ilustrá-la, apresento a pescaria com tingui (timbó)<sup>10</sup> sob a luz da *sustentabilidade* política local, a qual, entre outras coisas, desconstrói percepções errôneas que muitos não Apurinã têm a respeito do tingui. Durante a pescaria, o *kusanaty* não entra na água, fica sempre calado, observando sentado na margem do igarapé. Quando a pesca se inicia, ele orienta os demais, dizendo: “quem pegar o primeiro peixe deve assoprar três vezes na boca do pescado para a pescaria ser de fato produtiva”. Quando ele percebe que já foi pescada a quantidade de peixes suficiente para alimentar os convidados, imediatamente, pede para encerrarem. Em seguida, adentra a floresta e cospe três vezes em “cruz” na direção do sol nascente. A partir desse momento, cessa o efeito do tingui sobre os peixes e tudo volta ao normal.

Como foi mencionado, esse ritual também serve para refazer as alianças entre pessoas, aldeias e grupos inimigos. Assim, antes de iniciar a festa, dois grupos inimigos, ambos armados de lança, arco e flecha, vindos de lugares opostos, se encontram no centro do terreiro para “cortar o *sãkyré*”<sup>11</sup>. Ali, os tuxauas de cada grupo proferem palavras ofensivas contra o outro para demonstrar quem é o mais valente. Além disso, é necessário que cada um diga o nome do seu pai e de seu avô para que se saiba a qual família pertence, bem como suas relações de parentesco. No auge do debate, o *kusanaty*

<sup>10</sup> O povo Apurinã conhece três tipos de tingui: *kunã*, *paykama* e *sãtaru*. O primeiro refere-se ao tingui de raiz, enquanto que os outros dois são tingui de folha. O uso desse produto ocorre apenas na época de festa, momento em que os indígenas batem o tingui e em seguida o colocam dentro d’água, causando a retirada do oxigênio; nesse movimento, os peixes sobem à superfície, facilitando sua captura.

<sup>11</sup> O *sãkyré* é uma apresentação mútua de identificação. Trata-se de um ato preliminar que antecede o ritual principal e que é praticado entre dois tuxauas de grupos inimigos dentro do espaço de realização da festa; o objetivo é apagar os conflitos entre eles, bem como reafirmar alianças.

convida os dois líderes para tomar *awiry*<sup>12</sup> na sua mão e então, finalmente, os guerreiros chefes selam a paz, se abraçam (mas nem sempre acabou em festa; contam que em datas anteriores terminava em sérios conflitos) e caminham em direção ao terreiro para dar início à festa. O ritual somente é concluído no terceiro dia pela manhã, quando todos contemplam o nascimento do sol.

Considere relevante, para melhor entendimento do leitor, abordar esses fatos sobre os Apurinã antes de mergulhar no mundo de magia dos *kusanaty*, para mostrar que sua atuação não se restringe apenas a causar (“jogar”) doenças e a curar pessoas. Seu conhecimento lhes permite transitar em todas as vertentes por que se move este povo, sem falar que seus poderes sobrenaturais permitem dialogar com os animais, com as plantas, com as rochas e com seres que habitam outros mundos.

### **Os Kusanaty Apurinã**

Começo esta caminhada de descobertas estabelecendo um diálogo entre os princípios básicos da cultura apurinã e o saber misterioso dos *kusanaty*, ressaltando algo que ouvi recentemente de meu pai, Katãwryy. No rigor de seu conhecimento, o que ele me disse serviu, dentre outras coisas, como objeto de reflexão e como motivação para a produção deste texto:

Sou curado pelos *kusanaty*. Eles cumpriram quando me disseram no ritual do *kamaty* que jamais me abandonariam e mesmo em sonho recebo sua visita quando estou doente. Há mais ou menos uns cinco anos, fiquei muito adoentado, achei até que ia morrer, estava sem força e sem coragem para fazer qualquer coisa. Essa doença já durava alguns dias, e até o momento não havia recebido nenhuma visita dos pajés. Isso me deixava inquieto, pois nunca havia acontecido isso. Certo dia, eu dormi profundamente e finalmente recebi a primeira visita, mas um grande buraco em forma de abismo me separava dele. Isso impossibilitou que chegasse onde eu estava, mesmo assim, ele e outros que vieram em dias diferentes tentavam me curar de longe, mas tais tentativas não resultaram em nada; enquanto isso, eu continuava muito

---

<sup>12</sup> *Awiri* ou rapé, este último termo herdado do homem branco, é a principal erva medicinal do povo Apurinã. Com ela os membros desse povo se previnem e curam doenças. Ademais, ajuda os pajés no diagnóstico dos doentes, permitindo também em sonhos saber o que houve com os espíritos das pessoas levados por outro pajé ou bicho da mata.



doente. Depois de alguns dias, finalmente apareceu Maruky (meu avô) também do outro lado do abismo, mas antes que eu percebesse como havia feito para ultrapassar o grande buraco, ele surgiu do meu lado e me curou. Antes de partir, afirmou que eu havia descumprido algo de seus ensinamentos e assim, do mesmo jeito que apareceu, também foi embora. Passei algum tempo pensando no que meu avô tinha me falado, mas somente anos mais tarde consegui compreender que o descumprimento a que ele se referiu tinham sido os diversos medicamentos de farmácia que eu havia tomado (Katãwryry, depoimento em 18 de maio de 2014).

Agora, sigamos a fala de Katãwryry sobre o processo de iniciação dos *kusanaty*. Vale destacar que a indicação do futuro pajé fica sob a responsabilidade de um “forte” pajé, quando o escolhido ainda é criança. Quem indica será também o seu “guia espiritual”, o qual vai lhe conferir poderes durante o processo de iniciação. A criança é identificada por um sinal inscrito em seu corpo ou por um tipo de choro que emite ao nascer. Tais sinais somente são percebidos por um qualificado pajé.

A primeira prova que o iniciante deve enfrentar é passar um longo período na mata, jejuando, comendo muito pouco, passando (inalando) *awiry* e mascando folha de *ktsupary*<sup>13</sup>. Ao voltar à aldeia, deve manter-se recluso numa casa distante das demais e se abster de muitas coisas praticadas pelas outras pessoas no dia a dia, principalmente, relações sexuais. Durante esse período, sua única companhia é seu guia espiritual, sua comida é preparada e servida por uma mulher já idosa, preferencialmente de parentesco bem próximo para não lhe despertar nenhum desejo sexual ou algo dessa natureza.

Sobre isso, apresento algumas similaridades de aspectos relacionados à iniciação xamânica entre povos diferentes. Conforme destacou Perez Gil (2006), quando o xamã Yaminawa (no Peru atual) ingere o *toé*, planta responsável pelo aumento de poder, este poder somente é confirmado após um período de isolamento, dieta e resguardo, cujo descumprimento causa a perda do poder adquirido.

---

<sup>13</sup> O *katsupary* é uma erva responsável por conferir conhecimento relacionado à natureza. Além disso, tira a fome e dá força, principalmente para o espírito; é bastante usada pelos *kusanaty* durante o processo de iniciação e também por seu guia espiritual. Contudo, o seu uso não se restringe apenas a essas circunstâncias: a folha é também bastante usada no ritual de cura.

Os pajés Jaminawa no Brasil com quem fiz pesquisa (Cândido, 2013), durante a iniciação, tomam *shuri* (ayahuasca) e chupam a língua da cobra; em seguida, destroem uma casa de maribondo, sendo duramente castigados pelas ferroadas dos insetos, que não podem ser mortos. As ferroadas sempre vêm acompanhadas de febre e muita dor, por isso mesmo, o iniciante deve continuar tomando *shuri* para aliviar o sofrimento.

É com esse mesmo objetivo, conforme sublinha Perez Gil (2006), que, durante a iniciação, os futuros xamãs Yaminawa (no Peru) consomem continuamente tabaco em várias de suas modalidades. Depois de se fazer picar pelas vespas, os futuros xamãs ingerem mel ou a substância da cobra sucure e continuam consumindo ayahuasca e mascando tabaco.

Já para o povo Deni (família linguística Arawá), os procedimentos de aquisição são distintos dos Apurinã. De acordo com Koop e Lingenfelter (1983), os xamãs denominados *dsupinehé* são especialistas em canções e seu principal papel é curar pessoas, ter visões e comunicar-se com o mundo dos espíritos (*tukurime*) para explicar a morte e as doenças. Os xamãs mastigam durante uma ou duas semanas o *katuhe*, substância consistente e amarelada, a qual vai lhes conferir poderes, permitindo que voem até o céu para falar com os espíritos.

Diante de procedimentos tão heterogêneos para a aquisição de poderes, nota-se a pluralidade étnica que há entre os povos indígenas, o que automaticamente abre um leque de práticas culturais e subjetivas que variam de acordo com a cultura de cada um, possibilitando a proximidade e, ao mesmo tempo, o distanciamento entre si.

Voltando aos Apurinã, a floresta é o cenário escolhido para a realização das provas destinadas aos futuros *kusantay* que, dentre outras finalidades, visam ensiná-los a controlar o medo, o que lhes permitirá a aquisição de *arapani*<sup>14</sup>, pequenas pedras xamânicas responsáveis pela atribuição de poderes sobrenaturais, posteriormente utilizadas para curar, causar doença e até matar. Tais pedras são dadas ao xamã por *kiãty* (cobra jiboia), *hãkyty* (onça pintada) e também pelo seu guia espiritual, momento em que se estabelecem relações entre o iniciante e esses seres. Sobre esse momento, vejamos o que ensina Raimundo Pequeno Apurinã, mais conhecido como “Pirata”:

---

<sup>14</sup> O *arapani* é a pedra constituída de poderes adquirida pelos *kusantay* durante sua iniciação; é, ao mesmo tempo, o que lhes permite curar, causar doenças e até matar. Quando o *kusantay* recebe uma pedra, ele a introduz em seu corpo e assim vai introduzindo todas as demais recebidas, cada uma com um poder de curar e de fazer o mal.

Aproximava-se da meia noite quando a pedra que estava dentro do corpo do futuro pajé (meu tio Kaiãbety), em fase de iniciação, lhe avisou que a onça caminhava em sua direção e pediu que ele fizesse o que o seu guia espiritual tinha lhe orientado. Imediatamente ele se preparou e, quando a onça chegou bem perto, ele chupou várias vezes na testa do animal e, antes de lhe entregar seu *arapani*, a onça disse que ele ainda não possuía poderes para curar qualquer tipo de doença, por isso, precisava receber outras pedras (Pirata, TI Lurde/Cajueiro, depoimento em 26 de julho de 2014).

A seguinte análise de Katãwryry torna mais aguçada minha reflexão sobre xamãs e o poder xamânico:

antes da entrega do *arapani*, tanto a onça como a cobra se transformam em gente e convidam o futuro pajé para passar *awiry* em sua mão, o mesmo não pode ter medo, pois eles não são ‘bichos’, pelo contrário, são velhos pajés que estão ali efetivamente para protegê-lo e lhe conferir poderes, por isso, não devem ser vistos como animais (Katãwryry, Rio Branco/AC, depoimento em 18 de maio de 2014).

Este e outros depoimentos aqui apresentados mostram como humanos e animais vivem em constante estado de metamorfose, assumindo o corpo um do outro a fim de gerar “poderes”, dentre outras manifestações.

### **Doença, cura e conflitos entre os *Kusanaty***

O princípio das doenças e da cura do *kusanaty* são as pedras *arapani*. Elas são recebidas pelo pajé e introduzidas em seu corpo. Cada uma possui poder e efeito distintos; além disso, estão relacionadas também a animais e insetos, como o *sãny* (maribondo) ou a *patxiri* (uma espécie de rã, cf. Schiel, 2004). De acordo com Katãwryry, os *kusanaty* fortes usam o espírito do *ipyde* (macaco de cheiro) e da *kãmery* (arara vermelha) para bater nas pessoas de quem não gostam, sendo que em algumas ocasiões a vítima pode não suportar a dor e acabar morrendo.

Até os dias de hoje, embora bem menos do que em períodos anteriores, os *kusanaty* praticam o feitiço, sendo este um dos fatores geradores de conflitos e brigas

violentas. Nessas disputas, os *kusanaty* defendem a sua e outras aldeias contra as pedras de feiticeiros inimigos, protegem e remediam os ataques de seres da mata.

Estes conflitos continuam mesmo depois da morte do *kusanaty*, momento em que passa a habitar outros lugares: embaixo d'água<sup>15</sup>, onde residem os encantados; no “campo da natureza”<sup>16</sup>, onde moram os *kusanaty* com poderes de se transformar em gente e também em animal; ou no céu, onde está Tsurá. Um pajé forte que não conseguiu se vingar durante a vida, vingá-se de onde está.

Durante o trabalho de cura, os *Kusanaty* são sempre sérios, fechados, nunca sorriem e são muito observadores. Quando vão curar alguém, primeiramente, mascam o *katsupary*, em seguida, fazem várias sessões de aspiração de *awiry* para localizar as pedras no corpo do doente e as retiram por sucção, utilizando o *kutukano*. Em seguida, já com a(s) pedra(s) nas mãos, eles anunciam o tipo de doença e quem a jogou. Os *kusanaty* podem também curar chupando no local da enfermidade.

Sua magia percorre um plano enigmático que somente eles conseguem dominar, o que faz deles detentores do poder de curar ou causar doenças meramente com sua “sombra” (*kamyry*). Quando a cura para determinadas doenças não é encontrada aqui na terra, seu “espírito” (*yburãny ykama*) viaja em sonhos e visita outras terras habitadas por outros *Kusanaty* já citadas acima.

Sobre isso Katãwry acrescentou: “quanto mais 'forte' é o *kusanaty*, menos limites há para seu espírito”. Se for assim em vida, na morte também o será. Para Schiel (2004), este movimento é perigoso. Se for um pajé fraco, pode ficar preso num buraco de peixe e morrer, ou ser apanhado por outro pajé já transformado em “bicho” e que em vida era seu oponente.

Nessas jornadas, eles são guiados por outros espíritos, os “bichos”, ou “chefes de bichos” com quem trabalham. Cada um possui o seu, ou seus, auxiliares, que

---

<sup>15</sup> Quando um *kusanaty* é muito forte, geralmente se transforma em cobra grande, onça ou mapinguari, e os poderes que possuía quando era gente continuam consigo. No corpo da cobra, passa a morar dentro dos grandes rios, lagos e igarapés, local de fácil acesso às pessoas que transitam comumente em embarcações para suas atividades de pesca ou deslocar-se de uma casa para outra. Com seu poder de encantar ou de matar, os *kusanaty* transformam as pessoas em presas fáceis, sobretudo, aquelas que eram tidas como suas inimigas.

<sup>16</sup> Este é um local *sagrado* denominado na língua Apurinã de *kýbiruri*, constituído apenas por lagos e muitas árvores de buriti. Aqui ninguém pode entrar, e quem ousa fazer isso dificilmente retorna para contar a história.

Trata-se especialmente de uma localidade conhecida como moradia dos espíritos pertencentes aos *Kusanaty* que desapareceram sem ser percebidos, ou que foram transformados em animais. O nome “campo da natureza” deve-se a que tudo que existe ali foi obra de Tsurá e nada pode ser tocado e modificado.

geralmente são a onça, a cobra e o mapinguari. Sua capacidade de *kusanaty* pode, potencialmente, fazer deles uma ameaça. As picadas de cobra, os ataques de onça são, por vezes, atribuídos a eles. Pois, afinal, as onças são pajés, mas os pajés também podem ser onças.

## Conclusão

De acordo com Schiel (2004), os pajés do passado eram vistos viajando nos rios como cobra ou na terra como onças; com um esturro, tanto apareciam como desapareciam rapidamente no terreiro da aldeia. O *mapigãuary* (mapinguari) visitava os Apurinã no fim da tarde para conversar e fazia chover fogo quando as crianças desobedeciam.

Entre muitos povos indígenas, os pajés andam no mundo como onça; ser onça é uma “capa” que o pajé veste, e é comum entre os pajés a existência de espíritos auxiliares, sendo a onça o principal deles. Segundo Viveiro de Castro (2002), essa transformação em onça corresponde a uma alteração de ponto de vista e, por isso, o xamã, enquanto onça, pode ver os seus semelhantes como presas.

Nesta direção, Katãwry enfatiza: o que outros veem como “bichos”, o *kusanaty* vê como gente; entre eles, seus próprios familiares falecidos que para nós, Apurinã, foram transformados. Na fase vital dos *kusanaty*, eles davam instruções de como queriam ser enterrados para facilitar sua saída dos “buracos”. Dias depois, eles eram vistos entre bandos de *irary* (queixadas) e *miry* (porquinho); pelo menos é nessa condição que conversam com os pajés humanos.

Não há na cosmovisão indígena uma distinção ontológica entre humanos, animais e plantas. Todos eram seres humanos no início do mundo e conversaram entre si. Não se estabelecem as distinções marcadas pela sociedade ocidental entre natureza e cultura, sociedade e ambiente, natural e sobrenatural. Todas as espécies estão interligadas, incluindo a humana, ligadas por um vasto conhecimento e governado pelo princípio da sociabilidade, no qual a identidade dos humanos, vivos ou mortos, das plantas, dos animais e dos espíritos é completamente relacional e, portanto, sujeita a mutações (Sass, 2009: 26).

Devo salientar que o principal elemento motivador para escrever este trabalho é a percepção disseminada do enfraquecimento das atuações xamânicas nas aldeias Apurinã, bem como minha inquietação diante das informações contidas, sobretudo em trabalhos acadêmicos, que afirmam o desaparecimento dos *kusanaty* apurinã. De fato, por se tratar de um processo bastante árduo e pelo acesso a outras práticas do mundo de fora, hoje dificilmente se encontra alguém disposto a aceitar o desafio de se tornar um pajé. No caso dos Apurinã, o enfraquecimento de práticas culturais em muitas aldeias, atingindo diretamente a figura do *kusanaty*, se deu, principalmente, em decorrência da proximidade com as sedes dos municípios e dos diversos impactos advindos da implantação de grandes empreendimentos, como por exemplo, a construção de rodovias.

No entanto, mesmo diante dessa lamentável realidade, acredito ser precipitado afirmar que não existem mais pajés entre os Apurinã, ou prognosticar seu desaparecimento. Neste sentido, é importante salientar a observação feita por Carneiro da Cunha (1999) de que por transitar entre diferentes “mundos”, por ser um tradutor, o xamã teria seu papel ampliado e não restringido pelo contato, o que, certamente, culminaria com o fortalecimento do xamanismo em vários grupos indígenas. Nesta mesma linha de entendimento, considero relevante o relato do velho Moacir Apurinã<sup>17</sup>:

o *kusanaty* apurinã, na sua essência, tem, junto de si, um grande conhecimento do seu mundo misterioso, que os une por meio da nossa cultura, permitindo conversar com seres de outras terras que não podem ser conhecidas por qualquer pessoa, mas que significam um elo entre o passado, presente e futuro, estabelecendo uma relação infinita entre o céu e a terra (Moacir, depoimento em 16 de julho de 2014).

Ouvir esse ensinamento de um verdadeiro detentor do saber ontológico apurinã, e diante de tudo que já foi dito neste trabalho – em especial o fato de que os *kusanaty* não morrem, apenas se transformam para habitar outras terras e outros mundos com os mesmos poderes de antes – me faz repensar tudo que li e ouvi sobre os *kusanaty* até os dias de hoje. Além disso, seu raciocínio possibilita acreditar que os pajés não dependem exclusivamente das coisas desta terra para continuar sendo quem sempre foram, muito

---

<sup>17</sup> Moacir é um dos idosos do povo Apurinã que ainda guarda na memória os saberes herdados de seus ancestrais. Ele mora na Terra Indígena Camicuã, município de Boca do Acre/AM e, coincidentemente, apareceu em Rio Branco/AC, onde eu estava, no exato momento em que este texto estava sendo escrito.

menos para continuar existindo. Devo confessar que toda esta discussão, e a pesquisa que realizei, aguçou ainda mais minha curiosidade de querer saber, dentre outras coisas, o que houve com os pajés apurinã? Qual a influência da medicina ocidental sobre esta categoria? Que impactos sociais, ambientais e culturais do contato interétnico contribuíram para o enfraquecimento dos *kusanaty*? Onde estão os *kusanaty*? E, talvez o mais relevante, qual a sua importância atual para os Apurinã? De maneira alguma eu ousaria responder a tais perguntas antes de realizar uma minuciosa pesquisa de campo sobre o assunto.

De todo modo, confrontando as afirmações recorrentes acerca do desaparecimento dos *kusanaty*, vale refletir sobre o ritual de batismo intitulado *kamaty*. Trata-se de uma cerimônia levada muito a sério pelos Apurinã, porque é nessa ocasião que se reúnem os mestres possuidores do saber ancestral e os verdadeiros responsáveis pelo batismo dos futuros pajés. Também é sobre eles que recai a atribuição de trazer para o local do batismo os espíritos de outros pajés que não estão mais entre eles. Durante todo o cerimonial, é proibida a participação ou a presença de mulheres; elas não podem nem sequer ouvir os cantos e, caso essa regra não seja seguida, imediatamente são engravidadas pelos espíritos e o *kamaty*, que também é um deles, cantará dentro da barriga delas, confirmando sua gravidez. Katãwryry foi batizado num desses rituais, mas eu prefiro que ele mesmo conte isso:

Não sou pajé, mas fui batizado por eles quando eu tinha quatro anos de idade, durante o ritual do *kamaty*. Nessa ocasião, tive meu cabelo cortado com dente de *ũa* (piranha) e o meu cinturão foi uma *yakurenyry* (cobra jararaca) viva, que foi colocada na minha cintura. Esse ato simbolizou, dentre outras coisas, minha indicação para ser pajé, fato que não ocorreu em virtude de força maior [...]. Atrelado a isso, os pajés garantiram fazer minha proteção durante toda minha vida, mesmo depois de sua morte e um deles era meu avô Maruky. Por isso, quando adoço, eu consigo saber se minha cura será rápida ou não. (Katãwryry, depoimento em 12 de novembro de 2014).

Por fim, consideremos a oportunidade que tivemos de passear e conhecer um pouco do mundo místico dos *kusanaty* apurinã. O fato é que nesse passeio muitas lições foram aprendidas, assim como muitas perguntas precisam ser respondidas. Contudo, isso me instiga a falar de minhas impressões face àquilo que considero uma verdadeira

lição de vida: sabemos que o diferente muitas vezes nos assusta, mas acredito que já passa da hora de abriremos nossas mentes, muitas vezes impermeáveis a novas possibilidades de compreensão, inclusive àqueles fatos que, logo de saída, classificamos como um “equivoco”. Note a importante lição: o descumprimento de Yakunero face às orientações da coruja acabou impossibilitando sua entrada na “terra sagrada”, mas, por outro lado, permitiu o nascimento de Tsuru, o responsável pela criação de tudo que existe no mundo, inclusive de nós, seres humanos, indígenas e não indígenas.

Nesse sentido, cabe a cada um de nós fazer um esforço para enxergar o outro, o diferente, o novo como algo inteligível, permitindo-nos construir uma relação de alteridade recíproca. Desta forma, muitas janelas de compreensão e respeito, certamente, se abrirão, e mesmo que não aceitemos ou concordemos com algo ou com alguém, minimamente, deveremos respeitá-los.

Partindo deste entendimento, o texto também trouxe outras lições, dentre elas, a relação do ser humano com os animais, que eu faço questão de enfatizar, acreditando que poderá servir alhures de objeto de reflexão e análise para futuras investigações etnográficas. Cabe notar a relação de respeito recíproco que o povo Apurinã possui com os “animais”, e que é, inclusive, bastante análoga à de outros povos. Esta relação está presente em todo processo de afirmação do mundo e também na construção de tudo que há nele. Por exemplo, o surgimento do criador se deu a partir do engravidamento de sua mãe Yakunero pelo inseto *perutsa*. Nesse universo, cada ser tem sua importância e um guardião que o protege, até mesmo aquele mais desprezível aos olhos desavisados.

Em suma: para uma análise etnográfica profunda, é necessário ir além das aparências. A presença ou ausência física de algo ou de alguém não é um indício confiável de que ele existe ou não. Tanto o sentido da visão como os demais não são eficazes para detectar o invisível e o indelével. Este exercício descritivo/analítico pretende demonstrar esse fato do ponto de vista nativo.



## Referências Bibliográficas

- CÂNDIDO, Francisco M. 2012. *Rituais, espiritualidade e medicina tradicional do povo Apurinã: Saberes milenares e tradicionais do Kusanaty*. Brasília/DF: Universidade de Brasília/Centro de Desenvolvimento Sustentável.
- CÂNDIDO, Francisco M. 2013. *Estudos complementares referentes ao procedimento de identificação e delimitação da TI Jaminawa do Rio Caeté*. Rio Branco/AC: Fundação Nacional do Índio.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 1999. Xamanismo e tradução. In *A outra margem do Ocidente* (org. Adauto Novaes). São Paulo: Minc, Funarte/Cia das Letras.
- KOOP, Gordon e Sherwood G. Lingenfelter. 1983. *Os Deni do Brasil Ocidental*. Dallas, Texas: Museu Internacional de Culturas.
- PEREZ GIL, Laura. 2006. *Metamorfoses Yaminawa: Xamanismo e socialidade na Amazônia peruana*. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina.
- SASS, Walter. 2009. *A cosmovisão indígena e a teologia cristã*. Belém/PA: Oficina para o Fórum Mundial de Teologia e Libertação.
- SCHIEL, Juliana. 2004. *“Tronco velho”: Histórias Apurinã*. Tese de doutorado, Unicamp.
- VIRTANEN, Pirjo Kristiina. 2015. Fatal substances: Apurinã's dangers, kinship, and mobility. *Indiana* 32: 85-103.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena. In *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac&Naify.

**SÉRIE ANTROPOLOGIA**  
**Últimos títulos publicados**

442. RAMOS, Alcida Rita. Povos Indígenas e a Recusa da Mercadoria. 2014.
443. PANTOJA, Leila Saraiva. Nem vítima, nem algoz: mulheres de bicicleta em Brasília. 2014
444. RAMOS, Alcida Rita. Ensaio sobre o não entendimento interétnico. 2014.
445. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Creciendo como un pensamiento jaguar. Reflexiones sobre el trabajo de campo y la etnografía compartida en la Amazonía colombiana. 2014.
446. CAYÓN DURÁN, Luis Abraham. Planos de vida e Manejo do mundo. Cosmopolítica indígena do desenvolvimento na Amazônia colombiana. 2014.
447. PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Os “Negros da Picadinha”: Memórias de uma Comunidade Negra Rural. 2015.
448. PORTUGAL, Tarcila Martins. “Colecionando discos de vinil na era digital”. 2015
449. SILVA, Kelly & SOUZA, Lucio. Arte, agência e efeitos de poder em Timor-Leste: provocações. 2015.
450. SILVA, Kelly Fluxos de práticas de governo em escala global: sobre as tecnologias de desenvolvimento e alguns de seus efeitos. 2015.
451. PLÍNIO DOS SANTOS, Carlos Alexandre B. Redes e interações: A formação do Movimento Negro e do Movimento Quilombola no Mato Grosso do Sul. 2015.
452. MARQUES, Lucas de Mendonça. Forjando Orixás: técnicas e objetos na ferramentaria de santo da Bahia. 2016.
453. RAMOS, Alcida Rita & MONZILAR, Eliane. Umutina: um exercício de humanismo interétnico. 2016.
454. MORAIS E SILVA, Noshua Amoras de. Manobras e evoluções: Etnografia dos movimentos do Maracatu Leão de Ouro de Condado (PE). 2016.
455. RAMOS, Alcida Rita. Por uma crítica indígena da razão antropológica. 2016.
456. MAIOR CRUZ, Felipe Sotto. Indígenas antropólogos e o espetáculo da alteridade. 2016.
457. TEIXEIRA, Carla; CRUVINEL, Lucas & FERNANDES, Renato. Notas etnográficas sobre mentiras, segredos e verdades no Congresso Brasileiro (working paper). 2016.

A lista completa dos títulos publicados pela Série Antropologia pode ser solicitada pelos interessados à Secretaria do:

Departamento de Antropologia

Instituto de Ciências Sociais

Universidade de Brasília

70910-900 – Brasília, DF

Fone: (61) 3107-1551

E-mail: [dan@unb.br](mailto:dan@unb.br)

A Série Antropologia encontra-se disponibilizada em arquivo pdf no link: [www.dan.unb.br](http://www.dan.unb.br)

**Série Antropologia** has been edited by the Department of Anthropology of the University of Brasilia since 1972. It seeks to disseminate working papers, articles, essays and research fieldnotes in the area of social anthropology. In disseminating works in progress, this Series encourages and authorizes their republication.

1. Anthropology 2. Series I. Department of Anthropology of the University of Brasilia

We encourage the exchange of this publication with those of other institutions.

**Série Antropologia Vol. 458**, Brasília: DAN/UnB, 2017.